

## A DENÚNCIA DA TRAIÇÃO: PLUTARCO, DANTE, SHAKESPEARE E O ASSASSINATO DE JÚLIO CÉSAR

Sônia Regina Rebel de Araújo \*

### Résumé

*Cet article a comme sujet l'appropriation de quelques textes de l'Antiquité Classique écrits par Plutarco. présents en œuvres des auteurs postérieurs, Dante Alighieri e W. Shakespeare, avec le propos de faire des critiques à la trahison aux commanders, pères et protecteurs.*

**Mots-clés:** littérature classique; Antiquité Romaine; Plutarco; Julio Cesar-Dante Alighieri; William Shakespeare.

### Resumo

*Este texto discute a apropriação de alguns textos da Antiguidade Clássica escritos por Plutarco em obras de autores posteriores, Dante Alighieri e W. Shakespeare, com o propósito de criticar a traição aos chefes, pais e protetores.*

**Palavras-chave:** literatura clássica; Antiguidade Romana; Plutarco; Júlio César; Dante Alighieri; William Shakespeare.

### Introdução

Um dos tabus mais consistentes da cultura ocidental é o assassinato do chefe, às vezes, conotado como pai. O assassinato de Júlio César pelos conspiradores senatoriais, liderados por Cássio e Bruto, é uma oportunidade ímpar para análise da construção ideológica da condenação aos traidores. Existe, contudo, uma polêmica acerca dos tiranicidas: uma oposição, a

---

\* Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFF. Pesquisadora do CEIA/UFF.

meu ver, predominante, é a da condenação dos assassinos de César, mas o elogio de Bruto e dos demais conspiradores também é uma postura ideológica, presente, por exemplo, no ideário da Revolução Francesa, particularmente, na obra de Jaques-Louis David, que vê, nos tiranicidas, libertadores, republicanos puros sublevados contra o Rei. Alguns de seus quadros, particularmente **O Juramento dos Horácios e o Brutus**<sup>1</sup>, cujo tema é a exaltação do republicano Brutus, que condena à morte os próprios filhos que se aliaram ao rei Tarquínio contra a República. Note-se que David foi deputado na Assembléia Francesa, no período da Convenção e, nesta qualidade, votou pela condenação à morte do rei Luís XVI... Portanto, a postura em favor dos tiranicidas prende-se à conjuntura da revolução francesa e da opção inicial pelo modelo romano de República por parte dos revolucionários. Neste texto, porém, analiso a primeira assertiva, a da condenação dos assassinos de César.

Duas grandes obras da Literatura Ocidental – **A Divina Comédia**, de Dante Alighieri (neste caso, os Cantos XXXII, XXXIII e, principalmente, o XXXIV do **Inferno**), e a peça **Júlio César**, de William Shakespeare, têm como *leitmotiv* a denúncia dos traidores e da traição. Ocorre que, tanto Dante quanto Shakespeare, apropriaram-se<sup>2</sup> das narrativas de Plutarco sobre tais acontecimentos, especialmente a **Vida de César** 66, **Bruto** 17 e 20, para construir a argumentação poeticamente. Dante, homem do Medievo, precursor do Renascimento pela importância que dava à herança clássica, mostra o último círculo do Inferno como *locus* para o pior castigo, o dos traidores dos chefes, individual e pessoalmente torturados por Lúcifer ou Dite: este triturava, em suas três bocas, Judas Iscariotes, Bruto e Cássio. Essa apropriação tem a marca cristã, pois os pagãos assassinos de César sofrem o mesmo castigo do traidor de Jesus. Em **Júlio César**, a apropriação é bastante consistente, pois, se comparamos as duas narrativas, a shakespereana e a de Plutarco, veremos numerosas coincidências: a menção ao sonho de Calpúrnia, os presságios contra a ida de César ao Senado, a aparente conciliação entre Antônio e os conspiradores, e a condução das exéquias por aquele. Mas uma diferença é flagrante. Plutarco conta que Marco Antônio fez o elogio fúnebre de César, ocasião em que incita as massas contra os assassinos ao ler o seu testamento, no qual doava terras e dinheiro ao povo romano, mostrando-lhes as roupas ensanguentadas e o corpo desfigurado de César. Tal fato pôs a perder os rumos da conjuração, tornando Antônio o ungido do povo e dispondo-o contra os conjurados

Bruto e Cássio (**Bruto** 20; **Antônio** 14). Por seu turno, Shakespeare recria maravilhosamente esse episódio, deixando-nos a tradição do teor do discurso que, evidentemente, Plutarco não poderia transcrever. A ironia contida na célebre frase “*Mas Bruto é um homem honrado!*” tornou-se adágio, ao menos entre amantes da boa literatura.<sup>3</sup>

As hipóteses que norteiam este trabalho, de resto bastante simples, são duas: a) Plutarco, em sua obra **Vida de César**, foi a fonte usada por Dante e Shakespeare para a denúncia da traição, no primeiro caso, e também para a estruturação da narrativa, no segundo caso; b) ao se apropriarem do texto plutarqueano, esses autores o fizeram com tal arte, que se tornaram, eles próprios e suas narrativas, as fontes originais para a repulsa aos chamados tiranicidas<sup>4</sup>.

A estrutura do presente artigo está organizada. Primeiramente, farei uma breve análise do assassinato de César, baseando-me em Plutarco (**César** 60-66, **Bruto** 17-20) e na bela biografia de Luciano Canfora.<sup>5</sup> A seguir, analiso o texto de Dante em que aparece o castigo dos traidores no último círculo do Inferno. Finalizo com a comparação entre as narrativas de Plutarco e Shakespeare, mostrando o quão fielmente este seguiu a biografia plutarqueana, mas, principalmente, como a apropriação do texto ensajou uma recriação belíssima que, por sua grandeza, igualou-se ao original grego como uma das narrativas fundadoras da Literatura Ocidental.

## 1- O assassinato de César

Limitar-me-ei aos fatos do dia 15 de março de 44 a.C.<sup>6</sup> Naquele dia, César deveria se dirigir ao Senado, mas os presságios não eram favoráveis. Além disso, Calpúrnia tivera um pesadelo em que o marido jazia degolado esguichando sangue (PLUT. **César** 63, 11; SHAKESPEARE, **JC**, at. II, c.2). Décimo Júnio Bruto Albino, um de seus íntimos e herdeiros, mas também do grupo de conspiradores, convenceu-o a comparecer ao Senado, argumentando que ele não poderia deixar os senadores à espera de que Calpúrnia tivesse sonhos melhores (PLUT. **César**, 64; SHAKESPEARE, **JC**, at. II, c.2).

Os conjurados, Trebônio, Casca, Marco Bruto, Cássio, já o esperavam, armados, no Pórtico de Pompeu, onde se daria a sessão. Vários incidentes ocorreram, sugestivos de que uma tragédia se anunciava, e que a vítima marchava inexoravelmente para o sacrifício. César, ao descer da

liteira, foi obstado por Popílio, senador que antes sugerira a Marco Bruto que se apressasse, porque “*a coisa estava prestes a ser descoberta*” (PLUT. **Bruto** 14; **JC**, at. III, c. 1). Temendo uma delação, os conspiradores se inquietaram, mas Popílio, aparentemente, nada sabia e tinha outros assuntos a tratar com César (PLUT. **Bruto** 16; **JC**, at. III, c. 1). Outro sinal da inevitabilidade do curso da ação foi a atitude de M. Bruto. Ele contara à sua esposa Pórcia o que iria se passar e esta, dominada pelo medo, tivera um colapso; pensando em seus domésticos que morreram, trataram de avisar Bruto do infausto acontecimento (PLUT. **Bruto** 15; **JC**, at. II, c.1). No entanto, mesmo preso de enorme angústia, Bruto não abandonou seus amigos e sócios naquela empresa.

Os senadores dispuseram-se, então, em torno da cadeira de César, enquanto Trebônio permanecia na porta, à espera de Antônio para entretê-lo, a fim de que este não impedisse a ação (PLUT. **Bruto** 17; **JC**, at. III, c. 1). O primeiro a se aproximar foi T. Cimber, com pedidos para seu irmão, logo sucedido por vários conspiradores, todos com súplicas a César, beijando-o, tocando-o, a tal ponto importunos que este se elevou, tendo, nesse momento, a sua toga arrancada por Casca, o primeiro a golpeá-lo. Seguiram-se vários golpes desfechados por todos os conjurados, ferindo-o sucessivamente, até que este lobrigou M. Bruto de adaga na mão, entre os assassinos. Neste ponto, cito Plutarco:

*Como os senadores já estivessem na sala, a maior parte dos conjurados rodearam a cadeira de César como para tratar com ele de algum negócio. Diz-se que naquele momento Cássio volveu o olhar para a estátua de Pompeu e invocou-o, como se ele pudesse ouvi-lo. Trebônio chamou Antônio para a porta e segurou-o fora, conversando. Quando César entrou os senadores se levantaram e, depois que ele se sentou, agruparam-se à sua volta, trazendo para a frente Túlio Cimber, que ia pedir a César em favor de seu irmão exilado. Todos juntaram suas súplicas à de Cimber, e tomando as mãos de César, beijavam-lhe o peito e a cabeça. De início repeliu suas instâncias, mas como não parassem, levantou-as para livrar-se à força. Túlio, agarrando-lhe a toga com ambas as mãos, puxou-a e descobriu-lhe os ombros; Casca, que estava por trás, sacou da espada e vibrou um golpe ao longo da espádua de César, sem no entanto feri-lo profundamente. César, segurando o cabo da espada,*

*gritou em latim, com voz forte: “Maldito Casca, que fazes?” Casca, dirigindo-se ao irmão em grego, pediu ajuda. A vítima, já ferida por diversos conjurados, olhava à volta tentando escapar, mas, quando lobrigou Bruto de arma em punho, soltou a mão de Casca e, envolvendo a cabeça na toga, entregou o corpo aos golpes. Os assassinos, amontoados em redor dele, brandiam as lâminas sem precaução e chegaram a ferir-se uns aos outros; o próprio Bruto, querendo tomar parte do ato, recebeu um corte na mão. Todos ficaram cobertos de sangue. (PLUTARCO. **Bruto** 17) (grifos meus)*

.....

*Cada um deveria tomar parte no sacrifício e degustar o assassinato – de modo que Bruto também lhe vibrou um golpe na virilha. Alguns dizem que César se defendia contra os demais, gritando e atirando-se de um lado para outro, mas que, ao avistar Bruto de espada desembainhada, cobriu a cabeça com toga e foi cair, por acaso ou empurrado pelos assassinos, junto à estátua de Pompeu. O pedestal ficou coberto de sangue, parecendo que Pompeu presidia em pessoa à vingança que se tirava do homem caído a estertorar sob o grande número de feridas. (PLUT. **César** 66) (grifos meus)*

A denúncia da traição fica clara neste texto, pois o autor, habilmente, narra que César desistiu de lutar quando viu que o próprio Bruto figurava entre os agressores. Em **Bruto** 5, Plutarco narra que M. Bruto era querido por César, por ser, presumivelmente, fruto dos seus amores com Servília, irmã de Catão<sup>7</sup>. Há igualmente uma insinuação de que Pompeu estava vingado de seu assassinato....<sup>8</sup> Finalmente, como se pode verificar, os dois relatos são coincidentes, mas em **Bruto** 17, não há menção ao fato de o corpo ter caído aos pés da estátua de Pompeu.

## **2 - Dante Alighieri e o castigo dos traidores Judas Iscariotes, Cássio e Bruto**

O poeta florentino (1265-1321) é considerado o pai da literatura italiana. Isso porque sua obra máxima, **A Divina Comédia**, foi escrita em

toscano, não em latim, como era usual na Idade Média. Envolveu-se na política de seu Estado natal e, por tal motivo, foi exilado, morrendo em Ravena. Escreveu sonetos, obras filosóficas, lingüísticas, mas notabilizou-se por essa Obra dividida em três partes, Inferno, Purgatório e Paraíso. Por vários motivos, mas principalmente pela influência dos autores da Antiguidade Clássica nessa obra, em que Virgílio guia o Poeta no Inferno em sua busca por Beatriz – a morte da sua amada foi a causa principal deste livro –, até o último círculo em que se vê Lúcifer, traidor também ele, torturando pessoalmente os traidores.

Este belíssimo texto é, talvez, a mais dura condenação aos traidores existente na Literatura Ocidental<sup>9</sup>.

#### CANTO XXXIV

*Finalmente, no quarto giro do nono círculo (a Judeca), estavam os que traíram seus chefes e benfeitores, embutidos no gelo e imobilizados. Excetuam-se Judas, Bruto e Cássio, torturados por Lúcifer pessoalmente. Os dois poetas [Dante e Virgílio] descendo pelos cabelos do corpo hirsuto e desmesurado do Anjo rebelde, passam o centro da Terra; e saem, no outro hemisfério, por uma galeria longa e escura, outra vez sob o céu polvilhado de estrelas.”*  
(...)

*“34 – Se foi tão belo quanto agora é hirsuto  
e se contra o Criador se ergueu, furente,  
é natural que engendre a dor, o luto.*

*37 – Com que inaudito espanto, de repente,  
divisei-lhe à cabeça desdobrada  
três faces: uma rubra, mais à frente,*

*40 – e as outras duas, cada uma plantada  
no mesmo tronco, e juntas aflorando  
ao ápice da fronte alcandorada.*

*43 – A da direita era ocre, ao branco orçando,  
mas a da esquerda aquela cor possuía  
que no alto Nilo os rostos vão mostrando.*

46 – *De cada qual abaixo asas havia,  
de módulo e tamanho apropriados;  
no mar vela maior não se abriria.*

49 – *E tais as dos vampiros enojados,  
não tinham pêlos; Dite as agitava,  
produzindo três ventos variados.*

52 – *Dali todo o Cocito enregelava;  
dos seis olhos um pranto permanente  
nascia aos três queixos lhe tombava.*

55 – Em cada boca triturava a dente,  
como a espadela ao linho, um condenado;  
as três eu via simultaneamente.

58 – E mais que em tal castigo torturado  
era o do centro, à garra empedernida,  
que o dorso lhe deixava estraçalhado.

61 – “O que vês, sob a pena mais dorida,  
é Judas Iscariotes” disse o guia  
as pernas fora, a face lá metidos.

64 – Dos mais, que o rosto mostram na agonia,  
um é Brutos, seguro, à boca escura,  
que se contorce à dor, mas silencia.

67 – E Cássio é o outro, de mor estatura.  
Mas eis a noite. Vamo-nos daqui.

*Que já foi vista a última tortura. (ALIGHIERI. A Divina Comédia  
I v., Inferno, Canto XXXIV, vv. 33-69.) (grifos meus)*

O passo decisivo para a condenação dos traidores em nossa cultura está consignado nesta obra, pela decisão de seu autor em equiparar Judas Iscariotes a Bruto e Cássio, todos sofrendo igual castigo no nono círculo do Inferno. O pranto de Lúcifer indica que o diabo sofre eternamente ao infligir sofrimento aos condenados por traição.

### 3 – O elogio fúnebre de César: Plutarco e Shakespeare

A influência das biografias de Plutarco sobre Shakespeare é sobejamente conhecida. Cito a avaliação de um tradutor brasileiro sobre este fato:

*Como para outras tragédias romanas, o material histórico de Júlio César foi tirado das Vidas dos Homens Ilustres, de Plutarco, na tradução inglesa de Thomas North; no presente caso, das Vidas de Júlio César, Marco Bruto e Marco Antônio. Mais intimamente do que nos dramas tirados da história dos reis da Inglaterra, alia-se Shakespeare ao texto de Plutarco, contentando-se muitas vezes em passar para verso branco a prosa fluente do tradutor. [...] Foi publicada pela primeira vez no Fólio de 1623, mas a data da composição aventada pelos comentadores oscila entre 1599 e 1601.<sup>10</sup>*

Primeiramente, transcrevo o texto de Plutarco, para demonstrar que o autor narra como se deu tal discurso, e a estratégia de Marco Antônio para excitar o povo contra os conspiradores, sem, contudo, explicitar o que fora falado por Antônio.

*Chegou-se então à discussão do testamento de César e de seus funerais. Antônio pediu a leitura do documento e um sepultamento público e com honras, para que o povo não se irritasse ainda mais. A isso se opôs Cássio firmemente, mas Bruto cedeu e consentiu. Parecia, assim, estar cometendo seu segundo erro: o primeiro fora poupar Antônio e levantar contra os conjurados um adversário temível e difícil de combater; agora, deixando Antônio conduzir à vontade as exéquias, perdia tudo. Para começar, a soma de setenta e cinco dracmas que César legava a cada romano, mais o presente que fazia ao povo de seus jardins situados do outro lado do rio (onde se ergue hoje o santuário da Fortuna), despertaram no povo sentimentos singulares de afeição e saudade por ele. Depois, quando o corpo foi levado ao Fórum, Antônio, que, segundo o costume, pronunciou o elogio fúnebre, ao perceber que suas palavras comoviam a multidão, passou a excitar sua piedade e, tomando a toga ensangüentada de César, desdobrou-a para mostrar a quantidade dos golpes assestados contra ele. A desordem foi indescritível. Uns gritavam que se devia matar os assassinos, outros,*



*reproduzindo o que acontecera nos funerais do demagogo Clódio, arrancaram das lojas bancos e mesas, amontoaram-nos e fizeram uma enorme fogueira; sobre ela colocaram o corpo e o incineraram, no meio de tantos santuários e locais de asilo inviolável. Quando as chamas brilharam, afluíram pessoas de todos os lados, apanharam tições meio consumidos e correram para as casas dos assassinos de César para deitar-lhes fogo; mas eles, solidamente entrincheirados, afastaram o perigo. (Vida de Bruto 20) (grifos meus)*

A participação de Antônio nesses eventos é um tanto obscura<sup>11</sup>. O maior amigo de César não estava a seu lado quando foi assassinato. Ao contrário, pareceu amedrontado e, no primeiro momento, escondeu-se. Pouco depois, procura os conjurados com oferecimentos de pacificação, mas a ambição de tornar-se o primeiro entre os romanos, ao que tudo indica, foi o que moveu sua ação. No texto abaixo, lemos o outro relato sobre o discurso fúnebre.

*Entretanto, a popularidade de que gozava aos olhos da multidão fê-lo logo mudar deste projeto: concebeu a firme esperança de tornar-se o primeiro, caso abatesse Bruto. Por ocasião do cortejo fúnebre de César, teria de pronunciar, segundo o costume, o elogio do morto no Fórum. Vendo o povo singularmente comovido e enternecido, misturou às louvaminhas palavras próprias para excitar a piedade e ressaltar o caráter revoltante do assassinato. Ao final do discurso, sacudiu as vestes sangrentas e perfuradas do defunto, chamando aos responsáveis pelo atentado “assassinos” e “celebrados”. Inspirou assim aos ouvintes tamanha cólera que eles, depois de incinerar ali mesmo o corpo de César, (...) apanharam da fogueira tições inflamados e correram para as casas dos criminosos a fim de tomá-las de assalto. (Vida de Antônio 14)*

Como se pode constatar, há uma diferença sutil entre os dois relatos acima citados: o primeiro é mais “neutro”, limita-se a narrar os fatos; o segundo é mais contundente e, sem dizer qual o teor do discurso, o que evidentemente Plutarco não poderia fazer dois séculos depois (conta-se que ele teria chamado os responsáveis pelo atentado de “assassinos” e “celerados”). Em **Vida de Antônio**, este é o protagonista, seu papel nos eventos foi ressaltado por Plutarco. A genialidade de Shakespeare foi ter

percebido que, na prosa de Plutarco, estava escrita uma tragédia nos moldes gregos. Sabemos que as suas próprias tragédias seguem o modelo clássico grego, com todas as características de fatalidade, impossibilidade de o homem trágico fugir ao seu destino; por isso, seguiu Plutarco tão de perto. Por tal motivo, sem deixar de enfatizar a genialidade de Shakespeare, discordo da argumentação central de H. Bloom, a de que o poeta elisabetano “*inventou o humano*”<sup>12</sup>. A meu ver, os textos das tragédias gregas, apropriados na própria Antiguidade por outros autores como Plutarco, inventaram o humano. Os autores renascentistas citam ou se apropriam desses modelos clássicos com propósitos próprios à própria época em que viviam. Vejamos, a seguir, o relato shakespeariano deste discurso.

*“CIDADÃOS\_ O testamento! Lede o testamento de César!*

*ANTÔNIO\_ Acalmai-vos, bons amigos.*

*Não posso lê-lo; não convém ficardes sabendo quanto César vos amava.*

*Não sois de pedra, nem de pau, mas homens;*

*e, como tal, se ouvísseis a leitura do testamento dele, poderíeis inflamados ficar, ficar furiosos.*

*Conveniente não é ficardes todos sabendo que os herdeiros sois de César;*

*pois se o soubésseis, que não se daria?*

*QUARTO CIDADÃO\_ O testamento! Lede o testamento de César,*

*Marco Antônio! Lede-o logo!*

*ANTÔNIO\_ Não podeis acalmar-vos um momento?*

*Fui indiscreto ao vos falar sobre isso.*

*Temo ofender quantos honrados homens*

*Apunhalaram César. Temo-o muito.*

*QUARTO CIDADÃO\_ Homens honrados nada! São traidores.*

*CIDADÃOS\_ São vilões e assassinos todos eles.*

*O testamento! Lede o testamento!*

*ANTÔNIO\_ Forçais-me, então, a ler o testamento?*

*Sendo assim, vinde em círculo postar-vos*

*ao redor do cadáver, por que eu possa*

*apontar-vos o autor do testamento.*

*Posso descer? Consentireis que o faça?*

CIDADÃOS\_ *Vinde para cá.*  
SEGUNDO CIDADÃO\_ *Demos lugar para Antônio, para o muito nobre Antônio!*  
ANTÔNIO\_ *Não me aperteis tanto. Afastai-vos um pouco.*  
CIDADÃOS\_ *Recuai! Espaço! Recuai!*  
ANTÔNIO\_ *Se as lágrimas tiverdes, preparai-vos Neste momento para derramá-las.*  
*Conheceis este manto. Ainda me lembro quando César o estreou; era uma tarde de verão, em sua tenda, justamente no dia em que vencera os fortes nérvios. Vede o furo deixado pela adaga de Cássio; contemplai o estrago feito pelo invejoso Casca; através deste apunhalou-o o muito amado Bruto, e ao retirar seu aço amaldiçoado, observai com cuidado como o sangue de César o seguiu, como querendo vir para a porta, a fim de convencer-se se era Bruto, realmente, quem batia por modo tão grosseiro, porque Bruto, como sabeis, era o anjo do finado. Julgai, ó deuses! quanto amava César. De todos, foi o golpe mais ingrato. Pois quando a Bruto viu o nobre César, a ingratidão mais forte do que o braço dos traidores, de todo o pôs por terra. O coração potente, então, partiu-se-lhe e, no manto escondendo o rosto, veio cair o grande César justamente ao pé da estátua de Pompeu, que sangue todo o tempo escorria. Que queda essa, caros cidadãos! Eu, vós, nós todos nesse instante caímos, alegrando-se sobre nós a traição rubra de sangue. Oh! Vejo que chorais, que sois sensíveis à impressão da piedade. Delicadas*

*lágrimas derrameis. Mas chorais tanto,  
bondosas almas, só de o manto verdes  
do nosso César, cheio, assim, de furos?  
Então olhais para isto, o próprio corpo  
de César, deformado por traidores.*

PRIMEIRO CIDADÃO\_ *Oh espetáculo lamentável!*  
SEGUNDO CIDADÃO\_ *Oh nobre César!*  
TERCEIRO CIDADÃO\_ *Oh dia de luto!*  
QUARTO CIDADÃO\_ *Oh celerados! Oh traidores!*  
PRIMEIRO CIDADÃO\_ *Que espetáculo sangrento!*  
SEGUNDO CIDADÃO\_ *Queremos vingança!*  
CIDADÃOS\_ *Vingança! Vamos procurá-los! Fogo!  
Morte! Fogo! Matemos os traidores!*  
ANTÔNIO\_ *Parai, concidadãos!*  
PRIMEIRO CIDADÃO\_ *Silêncio! Ouçamos o nobre Antônio.*  
SEGUNDO CIDADÃO\_ *Queremos ouvi-lo; iremos para onde ele  
for; queremos morrer com ele!*  
ANTÔNIO\_ *Bons e amáveis amigos, não desejo  
levar-vos a uma súbita revolta.  
Os autores deste ato são honrados.  
Ignoro as causas, ai! particulares  
que a deste extremo os levaram; mas são sábios,  
todos eles, e honrados, e decerto  
vos dariam razões do que fizeram.*

*Não vim aqui roubar-vos, meus amigos,  
o coração. Careço da eloquência  
de Bruto. Sou um homem franco e simples,  
como bem o sabeis, que tinha o mérito  
de amar o seu amigo, o que sabiam  
perfeitamente quantos permitiram  
que eu viesse falar dele. Pois é fato:  
não tenho espírito, valor, palavras,  
gesto, eloquência e a força da oratória  
para inflamar o sangue dos ouvintes.  
Contendo-me em falar tal como falo,  
simplesmente, dizendo-vos apenas  
o que todos sabeis, e ora vos mostro*

*as feridas do nosso caro César  
pobres bocas sem fala! concitando-as  
a falarem por mim. Se eu fosse Bruto,  
sendo ele Antônio, agora aqui teríeis  
um Antônio capaz de levantar-vos  
o espírito e em cada uma das feridas  
de César uma voz pôr, que faria  
revoltarem-se as pedras da alta Roma.  
CIDADÃOS\_ Revolta, sim! Revolta!  
PRIMEIRO CIDADÃO\_ Queimaremos  
logo a casa de Bruto.  
TERCEIRO CIDADÃO\_ Então partamos  
sem demora. Peguemos os traidores.”(JC. at. III, c.2)(grifos meus)*

## **Conclusão**

A conjuntura dos Idos de Março é tão complexa que suscita intrigantes questões: seria César, ele mesmo, um traidor, já que influíra – ou ao menos se alegrara! – com o assassinato de Pompeu no Egito por ordem de Ptolomeu? Teria Marco Antônio traído César, oferecendo o pretexto para a conjuração com a famosa cena das Lupercais, tornando-se esquivo justamente no dia do assassinato, aliando-se aos conspiradores no dia seguinte ao de sua morte? São questões relevantes, também elas sugestivas da traição aos chefes e protetores.

Este texto pretendeu verificar a força e a importância de certos textos literários na formulação ideológica do Ocidente, particularmente no que tange à condenação da traição. As contribuições das obras pagãs são de suma importância para nossa cultura, e a mescla dos conteúdos desses textos com pressupostos cristãos resultou na repulsa universal dos traidores. Esta foi o aporte específico, mas muito significativo, de Dante, pois igualou a monstruosidade de Lúcifer, o anjo decaído, e a de Cássio e Bruto, à de Judas, o traidor de Cristo.

A importância dessa peça de Shakespeare prende-se, por um lado, à reconstituição trágica dos eventos históricos do ano de 44 a.C., mas principalmente, a cena central do discurso de Marco Antônio resgata a visão pagã desses episódios, e funda em novas bases, não principalmente cristãs, o repúdio aos traidores do chefe.

## Documentação textual

PLUTARCO. **Vida de Bruto**, Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto, trad. do grego Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

PLUTARQUE. **VIES. Tome XIV, Dion-Brutus**. Texte établi et traduit par R. Flacelière. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

PLUTARCO. **Vida de César**. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto, trad. do grego Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

**PLUTARCH Lives, VII, Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar (Loeb Classical Library, Translated by Bernadotte Perrin.**

PLUTARCO. **Vida de Antônio**. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto, trad. do grego Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Vol. I, Inferno. Traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, e Brasília: INL, Fundação Nacional Pro-Memória, 1984. (Grandes Obras da Cultura Universal, 1)

SHAKESPEARE, W. **Júlio César Tragédias**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, s.d.

## Bibliografia

BRUNT. P. A. **Conflits sociaux en republique romaine**. Paris: François Maspero, 1979.

CANFORA, Luciano. **Júlio César: o ditador democrático**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2002.

CALVINO, Ítalo. **Por Que Ler Os Clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

**ENCLICLOPÉIDA EINAUDI 17- LITERATURA-TEXTO**. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1989.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

NOVACK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza. **Poesia lírica latina**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>1</sup> O título completo do Brutus é: “J. Brutus, primeiro Cônsul, de volta a sua casa após ter condenado seus dois filhos que se haviam unido aos Tarquínios e tinham conspirado contra a liberdade romana. Os lictores trazem seus corpos para que ele lhe dê sepultura”. A exibição desse quadro data de 1789, justamente, e sua origem se prende ao drama italiano “Bruto Primo”, de Alfieri, cujas obras foram traduzidas para o francês em 1789. Cf. J. Starobinski, **Os emblemas da Razão**. SP, Companhia das Letras, 1988, especialmente p. 94-103.

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre a apropriação de obras literárias em contextos diferentes, o que ensejou diversas leituras, verificar R. Chartier. **Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. (trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio.). Campinas, SP, Mercado das Letras, 2003.

<sup>3</sup> Não é a única frase de Shakespeare tornada célebre e vulgarizada a ponto de tornar-se adágio popular. Veja-se em **Hamlet** a célebre frase “*Há algo de podre no Reino da Dinamarca*” e mesmo “*Ser ou não ser, eis a questão*”. Quanto a frases de Plutarco famosas e tornadas clássicas, veja-se, igualmente, em **Vida de César**, “*A mulher de César não basta ser honesta, tem que parecer ser honesta*”, dentre muitas outras. Cf. o sentido de “clássico”, aqui empregado no sentido que Ítalo Calvino lhe deu em “Por que ler os clássicos?”, um ensaio no livro do mesmo nome editado pela Companhia das Letras.

<sup>4</sup> Ver o conceito de “clássico” desenvolvido no verbete “Clássico” por F. Fortini na **Enciclopédia EINAUDI 17 – Literatura-Texto**, Lisboa, Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1989, 295-305. O autor encarece a constância, a durabilidade, a permanência, como um dos fatores decisivos para definir algo como clássico.

<sup>5</sup> L. Canfora. **Júlio César: o ditador Democrático**. SP, Estação Liberdade, 2004.

<sup>6</sup> Ou seja, aos Idos de Março, embora a conspiração contra César já estivesse sendo preparada há algum tempo, mesmo antes das Luperciais dos Idos de Fevereiro do mesmo ano.

<sup>7</sup> Cf. Harold Bloom **Shakespeare: a invenção do humano**. RJ, Objetiva, 2001, especialmente o capítulo Júlio César, p. 144-61, inserido na parte: “As peças de Juventude”, em que desenvolve a idéia de que, apesar do nome, esta é a tragédia de Bruto, personagem principal, segundo Bloom, não de César, que aparece pouco, com poucas falas (Ver p. 144).

<sup>8</sup> Cf. L. Canfora. Op. cit. “Alexandria”, p. 224-45.

<sup>9</sup> Todas as citações de Dante foram retiradas da seguinte edição: **A Divina Comédia v. I, Inferno**. Traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins. BH, Ed. Itatiaia, e Brasília: INL, Fundação Nacional Pro-Memória, 1984. (Grandes Obras da Cultura Universal, 1)

<sup>10</sup> W. Shakespeare. **Antônio e Cleópatra. Júlio César Tragédias**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, Ediouro Publicações S/A, s.d., p. 127. Ver também Harold Bloom. **Shakespeare: a invenção do humano**. RJ, Objetiva, 2001.

<sup>11</sup> Ver a este propósito “Where’s Antony?”, in L. Canfora, op. cit., p. 375-77.

<sup>12</sup> H. Bloom. **Shakespeare: a invenção do humano**, op. cit.